Perspectivas sobre gênero no hip-hop: recortes de um estudo em andamento

Comunicação

GTE 15 – Gênero e Sexualidade na Educação Musical

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
claraponciano9@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
mario.andre@ufrn.br

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que investiga a dimensão formativo-musical das batalhas de rap em Natal/RN. A partir da entrevista com Fernanda, jovem mãe e organizadora da Batalha do Nova, analisam-se tensões de gênero, estratégias de resistência e os desafios enfrentados por mulheres em um espaço historicamente marcado pela masculinidade. O estudo adota uma abordagem qualitativa, com método etnográfico, articulando observações participantes em batalhas realizadas entre agosto e dezembro de 2024 e entrevistas semiestruturadas com três participantes do movimento. Utiliza ainda a perspectiva da etnografia de rua, enfatizando o papel das periferias urbanas como espaços de produção cultural. O trabalho contribui para o debate sobre juventudes, gênero e formação musical, reconhecendo as batalhas de rima como espaços de socialização, criação de subjetividades e disputas simbólicas que atravessam práticas artísticas e educativas.

Palavras-chave: Hip-Hop; gênero; educação musical.

Introdução

O hip-hop, como movimento sociocultural e político, emerge como um espaço de expressão das juventudes periféricas e racializadas, articulando vivências, críticas sociais e disputas simbólicas por meio da arte. Suas expressões, que contemplam o rap, DJ, *breakdance*, graffiti e a militância, funcionam como ferramentas de resistência e criação de subjetividades. No entanto, apesar de sua potência transformadora, o hip-hop também reflete estruturas de opressão presentes na sociedade, especialmente no que diz respeito às relações de gênero. Mulheres que atuam nesse contexto, conforme literatura, podem

enfrentar silenciamentos, desvalorização e exclusão, mesmo quando exercem papéis centrais na construção do movimento.

A atuação das mulheres no hip-hop tem ganhado visibilidade graças a produções acadêmicas e artísticas que denunciam o apagamento histórico e evidenciam suas contribuições. Autoras como Rebeca Sobral Freire (2018), Kika Souza (2022) mostram que, embora o hip-hop seja muitas vezes narrado a partir de uma lógica masculina, ele sempre contou com a presença ativa e estratégica de mulheres, como MCs, DJs, *b-girls*, grafiteiras e organizadoras. Essas presenças não apenas tensionam normas de gênero, mas também produzem saberes e práticas que contribuem para a renovação crítica e política do movimento, muitas vezes a partir de uma perspectiva feminista, mesmo quando não nomeada dessa forma.

Assim, neste trabalho apresento um recorte de resultados iniciais de minha pesquisa de mestrado que tem como objeto de estudo a dimensão formativo-musical em batalhas de rap na cidade de Natal/RN. O objetivo geral é investigar a dimensão formativo-musical de uma batalha de rap na cidade de Natal/RN a partir da perspectiva de três jovens inseridos/a neste contexto. Neste texto, trago como recorte as vivências relatadas por uma das pessoas entrevistadas, Fernanda, ativista do movimento hip hop e organizadora de batalhas de rima, com vistas a refletir sobre perspectivas de gênero e rap nesse contexto.

Para tanto, trago contribuições da literatura na área para pensar as relações das mulheres no hip hop, refletindo para questões de gênero e a participação feminina no movimento, a fim de agregar para as discussões sobre mulheres e música. O relato de Fernanda evidencia como o espaço do hip hop ainda perpetua o machismo e misoginia em sua prática, bem como dos desafios em ocupar lugares decisivos e de liderança, frente à opressão vivenciada por mulheres no movimento.

Revisão bibliográfica

O hip-hop surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, como uma forma de expressão cultural das juventudes negras e latinas marginalizadas nos centros urbanos, especialmente no Bronx, em Nova York. Nascido em meio à exclusão social, ao racismo institucionalizado e à falta de acesso a políticas públicas, o movimento articula elementos

artísticos (rap, grafite, *breakdance* e DJ) e dimensões políticas de resistência, denúncia e construção identitária. Para Freire (2018), o hip-hop se consolida como continuidade das lutas do movimento negro norte-americano. Mais do que uma manifestação artística, configura-se como um campo de produção de subjetividades, sociabilidades e discursos que questionam as estruturas de dominação, promovendo formas alternativas de participação política.

No Brasil, o hip-hop chega nos anos 1980, principalmente por meio dos bailes black em São Paulo e Rio de Janeiro, e rapidamente se espalha por diversas capitais e cidades do interior. Segundo Freire (2018), seu enraizamento nas periferias urbanas brasileiras se deu em meio a contextos marcados por desigualdades raciais, violência policial, pobreza e racismo estrutural. Em cidades como Salvador, o movimento passou a articular coletivos e "posses" que promovem ações culturais, debates políticos e estratégias de enfrentamento das opressões cotidianas, com foco especial na juventude negra. A estética dos bailes black influenciou no surgimento dos bailes funk, bem como, no cenário do hip-hop, com as primeiras gerações de dançarinos de *breakdance*, de DJs e MCs, consolidando esse formato de festas e como ambiente de sociabilidade e lazer dos jovens brasileiros (Norberto, 2021, p. 43).

A dissertação de Dias (2018) traz contribuições importantes ao pensar o hip-hop como pedagogia e ferramenta de reexistência. A autora desenvolve o conceito de letramento de reexistência, defendendo que o hip-hop, especialmente por meio da dança *breaking*, "possibilita uma leitura crítica do mundo com base em uma interpretação do corpo negro que se abre para uma afromemória" (Dias, 2018, p. 12). Essa perspectiva reafirma o papel do hip-hop como prática estética e política profundamente vinculada à luta por justiça racial, educacional e cultural.

Ainda que marcado por essa potência transformadora, o hip-hop reproduz internamente estruturas patriarcais herdadas da sociedade mais ampla. Mulheres sempre fizeram parte do movimento, mas frequentemente foram invisibilizadas, subestimadas ou relegadas a papéis secundários. Como destaca Souza (2022), essa história de apagamento atravessa todas as dimensões do hip-hop, desde a performance como MCs, DJs, grafiteiras ou *b-girls,* até a organização de eventos e a atuação política. Sua pesquisa, baseada em depoimentos de 50 mulheres de diferentes regiões do Brasil, mostra que essas presenças

femininas são constitutivas do movimento e não exceções. Muitas dessas mulheres enfrentam desafios ligados à maternidade, ao racismo, à lesbofobia e à pobreza.

Na mesma direção, Dias (2018) relata que sua própria trajetória como *b-girl* e arte-educadora na periferia de São Paulo foi permeada por enfrentamentos semelhantes. Ao descrever sua atuação em projetos como o Silêncio Crewativo e na ONG Casa do Zezinho, afirma: "as experiências relacionadas à pesquisa de campo [...] são, para mim, um novo amanhecer [...] propiciaram a oportunidade de realizar uma proposta de educação igualitária, de inserção e de formação para a juventude periférica" (Dias, 2018, p. 21). Ao refletir sobre o sentido do corpo negro em movimento, ela defende que o breaking "ressignifica os sentidos do corpo negro por meio de uma estética que dialoga com a herança africana e com as vivências contemporâneas" (Dias, 2018, p. 12).

O reconhecimento dessas presenças femininas e de suas contribuições tem sido impulsionado por uma produção acadêmica recente que articula os estudos de gênero, o feminismo negro e a cultura hip-hop. Freire (2018), ao analisar o movimento hip-hop em Salvador, aponta que as jovens mulheres negras vêm renovando o próprio movimento a partir de suas experiências, saberes e demandas. Mesmo quando não se identificam como feministas, suas práticas políticas e culturais confrontam a hegemonia masculina e constroem um feminismo situado, local e decolonial.

Cristiane Dias corrobora essa visão ao propor uma pedagogia hip-hop que reconheça as linguagens da juventude negra e periférica como formas legítimas de produção de conhecimento e de agência política. Para ela, "o hip-hop é a arma do negro contemporâneo" e pode "alcançar conhecimento por meio do reconhecimento de sua história e de sua luta, como estratégia de engajamento e de fortalecimento político" (Dias, 2018, p. 23). A autora sugere um currículo escolar decolonial, que incorpore a estética negra periférica e a docência compartilhada como práticas pedagógicas capazes de engajar os estudantes e transformar a escola pública.

Cabe destacar que a produção audiovisual também tem contribuído para o reconhecimento das mulheres no hip-hop, ampliando o alcance de narrativas e fortalecendo a memória coletiva do movimento. A série documental Primeiro as Damas: Mulheres no Hip-Hop, composta por quatro episódios, traz um panorama da presença feminina no hip-hop

estadunidense, reunindo imagens de arquivo e entrevistas com artistas de diferentes gerações. Esse tipo de registro midiático complementa estudos acadêmicos e fortalece a visibilidade de pessoas que enfrentam cotidianamente o silenciamento, revelando que o hip-hop também é feito por vozes femininas e dissidentes que constroem novas estéticas e politizam a linguagem da rua.

Dessa forma, tanto as pesquisas de Freire (2018) e Souza (2022), quanto a contribuição Dias (2018), convergem para uma compreensão do hip-hop como campo de disputa simbólica e de transformação social. Trata-se de uma pedagogia insurgente, que nasce nas brechas do sistema, valorizando os corpos, as vozes e os saberes que foram historicamente marginalizados.

No campo da música, os trabalhos sobre o hip-hop têm abordado este fenômeno de diferentes formas, enfocando diferentes aspectos. Assim, debatem o movimento no contexto da educação básica, além de temas como criação musical, escutas juvenis, currículo, ensino, dentre outros. Segundo Souza; Fialho e Araldi (2008): “O hip-hop tem sua filosofia própria, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades”, ressaltando sua potência formativa. Araldi (2007), investigou a prática musical de DJs, com ênfase para os processos de formação musical, conectadas com questões socioculturais no ensino e aprendizagem de música, de modo a articular perspectivas mais abrangentes na área, além de dinâmicas com as quais a música se relaciona e produz significados.

Silva (2018), debate a construção de identidades afrodiaspóricas no movimento hip-hop, por meio da música, com ênfase para uma perspectiva decolonial e na busca de uma dimensão crítica para a educação. Ela destaca como a predominância de homens no hip-hop perpetua o machismo e a falta de espaço para as mulheres, considerando que “embora os espaços de entretenimento do Movimento Hip Hop se considerem democráticos e as mulheres estejam cada vez mais ocupando esses lugares, o machismo ainda persiste no Movimento, mesmo com a luta das mulheres para ocuparem todos os espaços, gerando tensões” (Silva, 2018, p. 91).

As produções aqui trazidas, contribuem para vislumbrar um parâmetro sobre hip- hop e juventudes periféricas como campo temático investigado e dos princípios formativos

em música, que impulsionem o debate sobre aspectos da aprendizagem musical conectada com territórios e a dimensão sociocultural e política.

Metodologia

A presente pesquisa discutida nesta comunicação é de abordagem qualitativa e tem como método o estudo de caso, mais especificamente, um estudo de caso do tipo etnográfico (Larchert, 2017), destacando que a natureza desse método é etnográfica, ao passo que, possibilita a inserção adensada de determinada realidade (Larchert, 2017, p. 126). De modo a contribuir nas discussões no campo metodológico deste estudo, situamos esta pesquisa também enquanto uma Etnografia de Rua (Eckert; Rocha, 2003), trazendo a discussão da cidade, neste caso, das periferias para o centro da análise, uma vez que "a cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência" (Eckert; Rocha, 2003, p. 1).

Durante a primeira etapa desta pesquisa, como procedimentos de coleta foram realizadas as observações participantes na batalha do Nova com registro dos encontros por meio do diário de campo, no período de agosto a dezembro de 2024, que conta com relatos de aspectos da prática dos MCs e da batalha como um todo. Na segunda etapa, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com três participantes, e nesta comunicação, apresento uma discussão a partir das contribuições de Fernanda, uma das pessoas entrevistadas.

Resultados

O campo empírico da pesquisa

A Batalha do Nova, campo empírico desta pesquisa está situada no conjunto Nova Natal, bairro Lagoa Azul, zona norte da cidade. Ocorre desde 2021, com encontros quinzenais nas sextas-feiras à noite, por volta das 19h. Tive conhecimento da BdN por meio das redes sociais da Conferência de Batalhas do RN (CDB) e os critérios para delimitação deste espaço

como campo de pesquisa se deram na busca de uma local que estivesse em constante atividade, descartando assim, grupos que estivessem funcionando em caráter eventual.

Dentro dos aspectos organizacionais, em uma batalha de rap, é comum que haja a figura de um/uma organizador(a) que conduz as rodadas da noite, organiza as chaves do duelo e apresenta os rimadores. As chaves na disputa de MCs geralmente são definidas na presença de oito ou dezesseis MCs e durante cada disputa, pode se escolher uma base rítmica para os *rappers* versarem, e se controla o tempo e/ou quantidade de rimas, a depender da modalidade da noite. As modalidades mais comuns no contexto da Batalha do Nova são a tradicional e a bate e volta. Na tradicional, os MCs têm 45 segundos para versarem, totalizando por round, 1 min e 30 segundos. Na modalidade bate e volta, as rimas são organizadas em quatro oitavas, ou seja, o MC organiza suas rimas, sendo quatro estrofes de oito versos cada. O ganhador pode ser definido pelo público presente ou pelo júri, quando há composição deste, ocorre tanto a decisão técnica como a participação do público na votação.

Em Natal, o movimento hip-hop se reflete como uma alternativa para as juventudes, ao se articular dentro das comunidades enquanto espaço cultural, formativo e de sociabilidade. Se tem conhecimento da atuação de coletivos pelos bairros periféricos e suas contribuições para a formação de inúmeros jovens. Assim, por intermédio das leis de incentivo cultural e de iniciativas autônomas, é notada a ampliação dessa atuação para espaços escolares, bem como na formação de projetos sociais voltados para o ensino e propagação das expressões que compõem o hip-hop.

Desse modo, podemos citar espaços como o do Movimento Cultural Nossos Valores, coordenado pelo *hip-hopper* e ativista da cena Miguel Carcará, que desenvolve ações de educação e cultura na comunidade da África, no bairro da Redinha, na zona norte da cidade. Há também um coletivo formado por MCs de batalhas de rima, intitulado Rap Nova Cena, que visa a idealização de projetos culturais, organização de batalhas de rap e apresentações/formações sobre o rap no âmbito escolar. A atuação nas escolas reflete o engajamento de ativistas da cena na propagação da cultura hip-hop em instituições educacionais.

Exemplos como esses, contribuem para um panorama da atuação do hip-hop dentro das periferias natalenses, uma vez que o movimento se insere nas comunidades dando voz às

juventudes, conscientizando e formando o sujeito, por meio da reflexão de sua condição. No contexto das batalhas de rima cumprem uma função imprescindível no processo formativo e de organização dentro do território, ao mobilizar-se enquanto coletivos que aglutinam e formam jovens continuamente, além de promover um lugar de bem estar e socialização.

No cenário das batalhas de rima, a Batalha do Vinho, da zona norte da cidade, iniciou as suas atividades entre os anos de 2012 e 2013 e consolidou-se como uma das principais referências de batalhas de rima na cidade e detêm influência na cena do hip-hop potiguar. Silva (2020), em seu estudo etnográfico sobre o grupo, traz relatos de organizadores do Vinho, destacando-a como espaço de sociabilidade juvenil.

O crescimento da cena do hip-hop potiguar em espaços organizacionais e na promoção de eventos é perceptível, em eventos e iniciativas de fomento à cultura, além de ações organizativas, de difusão, mapeamento e propagação do movimento como um todo. Essa atuação, reflete o engajamento e desenvolvimento de jovens artistas que buscam reconhecimento e uma chance de profissionalização por meio do hip-hop, uma vez que podem experimentar “a possibilidade de uma atividade com sentido” e não aceitarem “a sujeição às alternativas que lhes são postas” (Dayrell, 2002, p. 122).

O cenário ainda conta com a articulação da Cooperativa das Batalhas do RN (CDB), uma frente com vinte e três batalhas de MCs do estado, responsável pela organização da Seletiva Estadual para o Duelo de MCs nacional e um espaço fundamental para a articulação de recursos e mediação de relações com o poder público, por meio de parcerias, apoio para eventos e sobretudo, na defesa do movimento hip-hop no estado.

Fefê: sua trajetória e perspectiva

A entrevistada que será apresentada nesta comunicação se chama Fernanda, é uma jovem, branca, mais conhecida como Fefê, mãe de duas crianças, Ana Flor de dois anos e Arisu de seis meses e atualmente, é dona de casa. Integra a coordenação da Batalha do Nova, desde o ano corrente, por sua escolha, enfatizando que se colocou à disposição para contribuir com a organização.

Fernanda conta que sua aproximação com o movimento hip hop se deu por volta do final de 2023, por um namorado, na época que era MC. Desde então, adentrou ao universo

das batalhas e passou a frequentá-las assiduamente. Ela menciona que, inicialmente, se sentiu deslocada do espaço, por considerar que sua realidade não compreendia este contexto, chegando a questionar-se sobre o lugar que ocupava: "[...] *a minha realidade é realmente diferente da galera da cena. E aí, eu fiquei meio assim, mas 'vou'... Aí pronto, é porque é pertinho de casa e aí eu vim! Foi em 2023, no final de 2023 que eu comecei a vir pras batalhas e me interessei, tanto que hoje sou da organização"* [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

Ela narra que a primeira batalha de rima que frequentou foi a Batalha do Vinho, que, segundo ela, *"é a que concentra a maior parte de gente",* reforçando a importância do Vinho, como um dos principais locais de articulação do movimento hip-hop na zona norte da cidade, que por muito tempo, foi um dos únicos locais para MCs rimarem.

Fernanda se coloca no papel enquanto espectadora, apesar de integrar a organização, pois consome as batalhas, interage, participa das votações e dinâmicas envoltas em uma rinha de *freestyle*, mas não é uma MC. Ela destaca que as batalhas atuam como espaço de aprendizado amplo e que sua experiência no cenário contribuiu para seu conhecimento de mundo e para ampliar seus horizontes: *"Enfim, é muito bom e aprendo também novas formas de arte com o hip-hop. Muita gente talentosa, muita gente que sabe fazer muita coisa".*

Seu relato é marcado por tensões de gênero em sua trajetória com o movimento. Fefê destaca que apesar de sua posição de liderança dentro da batalha, ainda sente inseguranças em sua atuação: *"Eu tenho muito medo de apresentar batalha, muito medo mesmo, porque assim, além da dicção, nervosismo e só homem [...] a gente falando e todos os homens olhando assim pra gente, mano, dá um nervoso…"* [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

Ela narra a experiência ao conduzir uma batalha de rap pela primeira vez e de como a forte presença masculina no espaço, lhe gerou ansiedade, sobretudo, pelas práticas machistas e misóginas percebidas enquanto as mulheres apresentavam a roda de rima:

> *Na Batalha do Amarante, fui apresentar lá com Eli e aí a gente nota que a galera dispersa quando a gente tá falando, que quando a gente pede um grito, ninguém grita, quando pede pra levantar a mão, ninguém levanta a mão. Quando vai um homem e faz a mesma coisa, até num tom mais baixo, todo mundo obedece, entendeu?* [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

Os desafios da presença de mulheres nesse espaço são destacados por Fefê, que ressalta a forte presença de homens no hip-hop e da dificuldade em demarcar seu lugar dentro da cena: "*É muito difícil a gente conseguir voz em qualquer lugar, principalmente no meio das batalhas que realmente a maioria são homens e todo mundo tá ali enfim, tem mais voz, tem mais coragem, eu não sei, se sentem mais à vontade…*" [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

As tensões de gênero explicitadas em sua fala, evidenciam como as estruturas patriarcais se sobressaem ao caráter político e crítico do movimento hip-hop, sendo estas, enraizadas no modelo de sociedade vigente. Entretanto, Fernanda demonstra uma atuação engajada, que problematiza e em um movimento de resistência no cenário das batalhas: "*Perto de outros homens, a gente fica mais recuadinha, mas estamos passando pelo processo de que não deixaremos mais. Então entrei para a organização, antes eu ficava só quietinha na minha, prestando atenção. Não, agora eu quero colocar a minha voz nisso* [...]" [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

Assim, essas relações refletem convenções de gênero que tensionam as vivências no âmbito do hip-hop, ao passo que produzem noções sobre feminilidade e masculinidade (Freire, 2018, p. 80). O relato de Fernanda evidencia a demarcação de seu espaço dentro das batalhas de rap, dentro de uma postura ativa frente a determinados padrões.

Outro ponto narrado por Fernanda confere aos desafios que mulheres MCs encontram no espaço da rima, principalmente no que se refere à falta de visibilidade e do forte machismo. Desse modo, para ela, a falta de valorização das hip-hoppers é um dos principais motivos para a desistência dessas mulheres da cena.

> *Na questão das meninas que rimam, é justamente isso, elas se sentem acuadas, elas vêm que não tem o respeito, não tenha a visibilidade que homens tem, fazendo até menos do que elas e aí elas* "morgam"*, tipo, desistem, desanimam porque realmente não tem a mesma visibilidade que uma pessoa que faz menos que elas têm por ser homem, entendeu?* [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

O relato de Fernanda evidencia a predominância do machismo no movimento hip-hop, sustentada por relações de dominação refletidas dentro da estrutura patriarcal que rege a sociedade capitalista. No entanto, destaca a necessidade de ocupar esses lugares, sobretudo,

no enfrentamento às práticas machistas na postura dos MCs nas batalhas, bem como, de trazer para o debate relações de gênero, sexualidade e vivências das mulheres na sociedade contemporânea (Said, 2007, p. 143).

> *E aí, é realmente muito difícil, mas a gente tem que meter as caras e fazer porque senão a gente, como qualquer outra coisa na vida, se a gente não fizer, se a gente não for lá e meter as caras, não tentar até conseguir o nosso espaço, até conseguir o nosso respeito que a gente merece, a gente não consegue. Então, é isso! É só ir lá e fazer, no medo, na falta de coragem… É só ir lá e fazer que a gente vai conseguindo, conforme vai virando um hábito, a galera vai se familiarizando a ter a presença de mulheres e aí a gente vai conseguindo* [Entrevista concedida por Fernanda em 28/03/2025].

Fernanda fala de um lugar enquanto mulher branca e na condição de mãe, e reforça sua luta em reafirmar seu espaço no movimento. Desse modo, suas falas refletem como padrões de masculinidades hegemônicas ainda têm bases sobre movimentos como o hip-hop, que apesar de seu histórico de lutas e resistência, é um espaço majoritariamente masculino.

Cabe evidenciar ainda, como mulheres negras no contexto do movimento hip-hop, são atravessadas por diferentes formas de opressão e de como a misoginia se expressa com as hip-hoppers. Assim, ao trazer o debate racializado, Freire (2018), discute como a articulação dessas mulheres possibilita uma nova perspectiva e fortalecimento do movimento feminista, do hip-hop, da periferia, etc., a partir de suas vivências e experiências (Freire, 2018, p. 17).

Portanto, seu depoimento ressalta a urgência de romper com paradigmas dominantes, ao passo que se traz o debate das questões de gênero para o âmbito do hip-hop e de outros movimentos culturais, com vistas a fortalecer narrativas femininas e seus locais de destaque dentro desse cenário e reafirmar a potência social e formativa do hip-hop (Souza, 2022).

Considerações finais

As reflexões apresentadas neste trabalho reforçam a potência do hip-hop como espaço formativo, político e cultural, ao mesmo tempo em que evidenciam as contradições

que atravessam sua prática, especialmente no que tange às relações de gênero. O relato de Fernanda, aqui analisado, revela não apenas as dificuldades enfrentadas por mulheres na cena das batalhas de rima em Natal/RN, mas também os movimentos de resistência, agência e reinvenção que essas mesmas mulheres constroem cotidianamente. Sua atuação como organizadora, espectadora e participante ativa do movimento destaca uma disposição política de enfrentamento às estruturas patriarcais ainda hegemônicas nesse contexto.

O hip-hop, embora nascido como resposta às exclusões e violências sociais, carrega em seu interior contradições próprias de uma sociedade marcada por desigualdades de gênero, raça e classe. Ao assumir o risco de contar suas histórias e ocupar lugares de liderança, mulheres como Fernanda desestabilizam a naturalização da masculinidade hegemônica no movimento e criam fissuras por onde emergem outras formas de estar, fazer e aprender no hip-hop. Seus testemunhos, como vimos, iluminam a necessidade de políticas de reconhecimento, de incentivo e de escuta, para que a presença feminina não seja exceção ou resistência solitária, mas parte constitutiva e respeitada do fazer artístico e político.

Dessa forma, este estudo contribui para o reconhecimento da dimensão formativo-musical das batalhas de rima, compreendendo-as não apenas como práticas artísticas, mas como territórios de produção de subjetividades e saberes. Ao trazer o recorte de gênero como eixo de análise, buscamos fomentar o debate sobre as dinâmicas de exclusão e as potências criadoras que se desenham nesse universo. Por fim, reafirmamos a importância de investigações que articulem música, juventudes, periferia e gênero, na expectativa de colaborar para práticas educativas, culturais e políticas mais inclusivas e sensíveis às múltiplas vozes que compõem o hip-hop.

Referências

ARALDI, Juciane. Prática musical de DJs e educação musical. In: XVII CONGRESSO DA ANPPOM, 2007. *Anais*… São Paulo, 2007. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical.html. Acesso em: 14 de jul. 2025.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DIAS, Cristiane Correia. *Por uma pedagogia Hip-Hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica*. 2018. 198 f. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Fazendo rap na escola. *Música na educação básica.* Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.

FREIRE, Rebeca Sobral. *Hip-hop feminista? Convenções de gênero e feminismos no movimento Hip-hop soteropolitano*. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018.

LARCHERT, Jeanes Martins. O estudo de caso do tipo etnográfico na pesquisa em educação. *In*: MORORÓ, L.P., COUTO, M. E. S., e ASSIS, R. A. M., orgs. Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 123- 141.

NORBERTO, Rafael Branquinho Abdala. A importância da Black Music para a primeira geração de hip-hoppers brasileiros e a "ausência" dos "Bailes Black" em Manaus (AM). *In*: SOUZA, Angela Maria de. Movimento hip-hop na América Latina desde as fronteiras sociopolíticas e culturais. Angela Maria de Souza, Ronaldo Silva, Janaina de Jesus Lopes Santana (Organizadores). 1. ed. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2021. p. 41-54.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160 . Acesso em: 14. jul. 2025.

SAID, Camila do Carmo. *Minas da rima: jovens mulheres no movimento hip-hop de Belo Horizonte.* 241f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Djenane V. S. *"Uma fita de mil grau": o movimento hip-hop na construção de identidades culturais e afrodiaspóricas*. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA, Michael Guedes da. *ETNOGRAFANDO A BATALHA DO VINHO: Uma análise da Cena dos Duelos de MCs face à Estrutura Social Brasileira.* Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SOUZA, Jusamara.; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. *hip-hop: da rua para a escola,* 3 ed. 136 f. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SOUZA, Kika. *Mulheres no Hip-Hop: apagamento histórico e outras violências*, 2022.